



“DUMBO”: O ESTIGMA DA DEFICIÊNCIA E UM CONVITE À INCLUSÃO – O CINEMA DE ANIMAÇÃO INSPIRANDO MUDANÇAS REAIS FORA DA TELA

“DUMBO”: THE STIGMA OF DISABILITY AND AN INVITATION TO INCLUSION – ANIMATED CINEMA INSPIRING REAL CHANGES OFF-SCREEN

Carla Borges de Andrade. Professora Pós-Doutora do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).
cbandrade@uefs.br

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo compreender como são tratados os conceitos de deficiência e inclusão pelo cinema de animação, a partir do contexto dos filmes “Dumbo”, de 1941 e 2019, estabelecendo relação com a literatura específica e observando a contextualização histórica. A metodologia, de abordagem qualitativa, utiliza como método de produção e análise dos dados a Análise Fílmica (Penafria, 2009). Resultados indicam que o lançamento do primeiro filme, no contexto das grandes Guerras Mundiais, e do 2º filme, na contemporaneidade, representou uma crítica às práticas de exclusão das pessoas com deficiência a qualquer tempo. Bem como um chamado a refletirmos sobre a inclusão que pode se dar a partir do reconhecimento e da valorização das diferenças individuais, que garantem a diversidade corporal humana e revelam potências e habilidades que tornam cada pessoa única.

Palavras-chave: inclusão; deficiência; corpo; cinema de animação.

ABSTRACT

The present study aims to understand how the concepts of disability and inclusion are treated by animated cinema, based on the context of the “Dumbo” movies released in 1941 and 2019, establishing a relationship with the specific literature and observing the historical context. The methodology, with a qualitative approach, uses Film Analysis (Penafria, 2009) as a method of data production and analysis. Results indicate that the release of the first film, in the context of the great World Wars, and the second film, in contemporary times, represented a critique of the practices of exclusion of people with disabilities at any time. It also served as a call to reflect on inclusion, which can occur through the recognition and appreciation of individual differences, guaranteeing the human body diversity and revealing potentials and abilities that make each person unique.

Keywords: inclusion; disability; body; animated cinema.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo está relacionado à pesquisa que vem sendo realizada no estágio pós-doutoral junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), intitulada “Imagem corporal e inclusão de pessoas com deficiência em desenhos animados de cinema do Século XXI”. Apesar de, na referida pesquisa, os filmes “Dumbo” não terem sido selecionados para análise, por conta dos critérios de inclusão e exclusão aplicados¹, surgiu a necessidade de lhe dedicar uma reflexão sistematizada, ainda que paralela, pelas contribuições que presta ao objeto de estudo.

O interesse por relacionar corpo – inclusão – deficiência em estudos que se debruçam na materialidade das produções cinematográficas se deve ao fato de reconhecer que este é um dos principais papéis do cinema: “[...] inspirar mudanças reais fora da tela” (Garcia, 2017, p. 01), ou seja, contribuir para a educação das pessoas que lhes assistem. A opção pelo cinema de animação vai neste sentido também, pois sua magia e encantamento visuais aliados à linguagem simples, criativa e objetiva favorecem um fácil e rápido aprendizado de mensagens, valores e comportamentos, principalmente quando se trata do público infantil – ainda que não sejam obras intencionalmente produzidas para esse grupo populacional.

Nesse sentido, o cinema de animação pode chamar a atenção para “[...] a mídia e as imagens que ela coloca em circulação como uma forma de aprendizagem” (Schmidt, 2001, p. 62) que, inclusive, pode ser estereotipada, pejorativa, depreciativa ou, como aqui se defende, inclusiva. Não é difícil supor que a compreensão que as crianças apreenderam/desenvolveram acerca do próprio corpo ou do corpo dos outros também seja estereotipada, “[...] uma vez que os estereótipos se formam frequentemente a partir de uma mistura distorcida de impressões inadequadas sobre os outros, percepções incompletas ou defeituosas, grandes generalizações que ignoram diferenças internas” (Baptista, 1996, p.5).

¹ O filme de 1941 não foi selecionado por se tratar de produção original do Século XX. E sua versão animada em *live-action*, de 2019, por se tratar de obra que tenha se originado de outros filmes já exibidos em cinema (reedições, remakes).

Concorda-se com Baptista (1996, p. 9), quando afirma que os desenhos animados “[...] permitem processar rapidamente a informação social e, tal como qualquer outra representação social, transformar as avaliações em descrições e as descrições em explicações” através da linguagem, a qual “[...] transporta os estereótipos, influenciando decisivamente os processos de comunicação entre indivíduos e entre grupos”.

Para Gomes e Caminha (2016), os filmes de cinema veiculam mensagens de uso e desuso do corpo através de discursos que afetam os corpos reais que os assistem. Assim, as pessoas veem e se veem nos filmes, interagindo com as personagens, assumindo seus comportamentos nas relações sociais da vida real. Portanto, “[...] as produções fílmicas retratam corpos que, assim como os corpos ‘reais’, funcionam como um veículo de comunicação carregado de signos que posicionam os sujeitos na sociedade” (Gomes; Caminha, 2016, p. 415).

Nesse contexto, ressalta-se a importância de se abordarem essas e outras temáticas de relevância social nessas produções audiovisuais exibidas em salas de cinema populares, pois seu amplo alcance pode promover comunicação de mensagens, reflexões, debates, mudanças de atitudes, superação de preconceitos e valorização da diversidade humana que ora se apresenta e que, por vezes, não são assuntos tão fáceis de se apresentar a crianças. Faz-se necessário, portanto, que exista cada vez mais um cinema de animação “[...] maduro, que busca abordar temas complexos com cuidado, que seja sensível e sincero” (Silva, 2016, p. 13), posto que “[...] grande parte da formação do repertório audiovisual de um indivíduo, quando criança, tem a animação como porta de entrada” (Magalhães, 2023, p. 12-13).

Assim, este estudo tem por objetivo compreender como são tratados os conceitos de deficiência e inclusão pelo cinema de animação, a partir do contexto dos filmes “Dumbo”², de 1941 e 2019, estabelecendo relação com a literatura específica e observando a contextualização histórica.

Para tanto, o presente estudo tem seu percurso metodológico circunscrito na abordagem qualitativa, pois se concentra nas subjetividades e nos significados, bem como nas questões comportamentais dos seres humanos, incluindo-se aí motivos,

² Sempre que for feita referência aos filmes, serão usadas as aspas (“Dumbo”), e todas as vezes em que for mencionado o personagem, não serão colocadas (Dumbo).

aspirações, valores e atitudes para investigar determinado objeto de estudo (Andrade, 2020).

Como método de produção e de análise dos dados, foi utilizada a Análise Fílmica, com base em Penafria (2009, p. 4), para quem “[...] a análise de filmes deverá ser realizada tendo em conta objectivos estabelecidos a priori e que se trata de uma actividade que exige uma observação rigorosa, atenta e detalhada a, pelo menos, alguns planos de um determinado filme”.

Assim, inicialmente, fez-se uma decomposição dos filmes “Dumbo”, que subsidiou a descrição do fenômeno presente que interessa ao objeto de estudo, no caso, deficiência e inclusão e a posterior interpretação do conteúdo dos filmes, com base na literatura que fundamenta o estudo.

Na fase da produção dos dados, portanto, priorizou-se identificar nas partes ou cenas do filme “Dumbo” significados consistentes sobre as temáticas da deficiência e inclusão. E, na fase da análise, foi produzido “[...] um tipo de discurso sobre os filmes, realizado a partir de um olhar analítico que, diferente da avaliação e atribuição de juízos de valor próprios à crítica cinematográfica, ao contrário, busca produzir conhecimento” (Uchôa; Adamatti, 2009, p. 291).

Assim, o método requer posicionamento do analista, permitindo que assuma uma conduta honesta e científica de argumentação, em detrimento de falsas posturas neutras que alguns estudiosos insistem em defender como critério de verdade. Logo, ao realizar Análise Fílmica, o pesquisador precisa se fazer presente, impor-se em sua subjetividade em cada parte analisada com um olhar mais criterioso (Pires; Nogueira, 2012).

Destarte, para um melhor entendimento do desenvolvimento deste estudo, ele fora assim organizado: após esta Introdução, seguem duas seções referentes à Revisão da Literatura realizada, em que se trata: a) do cinema de animação, suas características e influências sobre as mudanças de comportamento de quem assiste a suas produções, principalmente no que se refere à identificação com as personagens; e b) do conceito de deficiência e suas concepções a partir das duas Guerras Mundiais – período em que é lançado o primeiro filme “Dumbo” – até a contemporaneidade, contemplando os paradigmas que vão da exclusão à inclusão de pessoas com deficiência. Na seção seguinte, descreve-se a análise realizada dos

filmes “Dumbo”, demonstrando como os conceitos de corpo, deficiência e inclusão são tratados e interrelacionados. Por fim, encontram-se as últimas considerações.

2 CINEMA DE ANIMAÇÃO E MUDANÇAS DE COMPORTAMENTO A PARTIR DA IDENTIFICAÇÃO COM AS PERSONAGENS

É na animação que o cinema começa. Assim, “[...] não apenas é a animação uma forma de filme, mas o filme, todo filme, o filme *como tal*, é uma forma de animação. [...] para nós, a animação é a primeira, última e permanente atração do cinema, do filme” (Cholodenko, 2017, p. 20-21). Apesar disso, concorda-se com Andrade *et al.* (2023, p. 40) quando afirmam: “Embora os desenhos animados tenham surgido antes mesmo do cinema, foi a partir desse veículo que eles se popularizaram”. No entanto, seguindo o caminho inverso, ratifica-se que “[...] a animação animou o cinema” (Cholodenko, 2017, p. 42).

Embora pareçam quase entrelaçados em sua essência, é pertinente esclarecer que, neste estudo, a animação é concebida tanto como obra quanto como técnica de produção dessa obra, assim como é apresentado por Schirigatti e Avrichir (2019, p. 35-36):

Com base nas definições da Agência Nacional do Cinema (ANCINE, 2012), animação é considerada uma “obra audiovisual” que é “produzida principalmente através de técnicas de animação, cuja maioria dos personagens principais, se existirem, sejam animados.” Já Wells et al. (2012, capa) descrevem animação como “Técnica em que são filmados desenhos ou posições de modelos sucessivos para criar a ilusão de movimento quando o filme é mostrado como uma sequência”.

A animação é, por isso mesmo, complexa e fascinante. Além de técnica e de obra que usa a técnica na criação de uma narrativa visualmente cativante, a animação também é uma linguagem,

[...] na qual é possível criar o movimento sintético por meio de sequência de imagens com alterações na estruturação, composição e posicionamento de elementos [...] uma linguagem que é estruturada a partir de várias outras linguagens (visual, sonora, textual, movimento) (Magalhães, 2023, p. 11).

E como linguagem, desde sua origem, o cinema de animação tem promovido rupturas de padrões sociais e quebras de estereótipos, servindo para disseminar

discursos de resistência e de valorização de minorias. Assim sendo, tornou-se espaço propício para promover a participação e o protagonismo de personagens que trazem à cena a representatividade da diversidade humana, dentre os quais encontram-se as pessoas com deficiência, ainda que, por muito tempo, tenham sido invisibilizadas ou mal representadas nessas telas.

Garcia (2017, p. 01) reforça essa função formativa do cinema de animação e destaca a sua responsabilidade social no sentido de garantir uma sociedade mais inclusiva ao afirmar que “[...] é uma janela para enxergar o outro – e também para enxergar a si mesmo [...] o público aprende, sente e transforma sua forma de ver o mundo. Essa mudança reflete um movimento global por **representatividade e equidade no audiovisual**”³.

Para Silva (2016, p. 11-12), o cinema de animação “[...] faz produtores e público repensarem a própria realidade, refletirem e buscarem soluções para crises individuais e sociais”. Nesse sentido, tem contribuído para a “[...] a formação de novos modos de compreender o mundo” (Boynard, 2002, p. 283). Segundo Silva (2016, p. 10):

[...] a animação atinge um público cada vez maior e mais cedo, sendo também produzida por mais pessoas, mais jovens. Com o passar dos anos, é natural buscarem histórias mais diversificadas, mais densas. A animação, então, se torna crucial não só nos anos formativos de uma pessoa, mas também sua transição para outras fases da vida.

Diante de um filme de animação, os espectadores facilmente se reconhecem nas personagens, estabelecendo relação entre suas experiências e se identificando em sua existência. Assim, o público sente que o personagem realmente existe e estabelece com ele pontes possíveis para compreender a própria história, como por exemplo, conquistas, sucessos, perdas ou traumas do passado.

Um personagem é um ser de ficção que pode ser considerado uma obra de arte, uma metáfora para a nossa existência. Nós nos relacionamos a personagens considerando-os reais, mas eles estão em um plano diferente da realidade. Seus aspectos e características foram feitos para serem claros e identificáveis. Um personagem é eterno e imutável (Ballarini; Faria, 2017, p. 20-21).

³ Grifo da autora. Sempre que aparecerem grifos não sinalizados como sendo nossos, significam que já se encontravam nos trechos transcritos.

Portanto, ao se criarem personagens para filmes de animação, há que se tomarem certos cuidados, para que, apesar de fictícios, eles se tornem o mais próximo possível da vida de quem os assiste, e essa imediata identificação aconteça, ainda que não se trate de personagem humano. Ballarini e Faria (2017, p. 21) explicam como deve proceder o profissional de animação no ato da criação de personagens para filmes ou séries animadas:

Mesmo que o personagem não seja representado visualmente como uma figura humana, deve ser considerado como tal, ou seja, um ser que pensa, sente, se comporta, vive e se relaciona com o universo narrativo da série. O primeiro passo apresentado pelo autor é pensar na sua história pregressa. Sua ascendência, seus pais, circunstâncias de nascimento, sua educação, suas amizades, sua infância, sua juventude, quais são suas lembranças e traumas. O passado é uma parte essencial na elaboração da ficha biográfica de qualquer personagem, pois permite conhecermos melhor sua constituição e pensarmos em suas demais características. Tendo sua história pregressa definida, pode-se inferir características primordiais como seu nome [...] e o perfil psicológico da personagem, que são suas qualidades distintivas: idade, autoimagem, autoestima, temperamento, humor, virtudes, defeitos, maneirismos, habilidades, medos, orgulho, pontos de vista, ocupação principal, relacionamentos com outras personagens, sonhos, interesses, necessidades, superstições, transtornos, enfim como ela pensa, sente e (re)age nas diversas situações e condições presentes no universo da série.

A partir disso, o personagem torna-se um ente vivo, próximo, íntimo, um

[...] personagem consistente, ou seja, que convence o espectador da sua vivência, constrói uma intimidade baseada em afinidade e empatia. [...] O personagem se torna um amigo para o espectador, habitando o seu imaginário por anos, da infância à fase adulta, sendo um símbolo familiar (Magalhães, 2023, p. 13-14).

E com o personagem o espectador se identifica e pode passar a compreender melhor sua história de vida, suas relações intra e interpessoais, e por que não dizer, suas condições e interações corporais, fortalecendo o discurso e o ideal de inclusão a partir de seus corpos com deficiência ou não.

Nesse contexto, colocam-se em tela os filmes “Dumbo”, cujo protagonista homônimo estabelece fácil identificação com as pessoas com deficiência. De acordo com Garcia (2025, p. 01),

Assim como Dumbo, não são raros os casos em que diferenças físicas ou cognitivas tornam-se motivo de exclusão social, bullying escolar ou discriminação no mercado de trabalho. O filme, portanto, funciona como um

espelho da realidade: evidencia que o preconceito nasce do desconhecimento e da incapacidade de enxergar além da aparência.

Ao ver projetada na tela uma história parecida com a sua, a pessoa pode se sentir acolhida, representada em sua dignidade e, assim como Dumbo, superar as angústias decorrentes dos preconceitos pelo reconhecimento de suas potencialidades, descobrindo-se única e se aceitando como é. Isso é imprescindível para que seja fortalecida a luta pela inclusão e sejam garantidos os direitos dela decorrentes.

3 CONCEPÇÕES DE DEFICIÊNCIA E INCLUSÃO: DO CONTEXTO PÓS-GUERRAS ATÉ A CONTEMPORANEIDADE

Historicamente, as pessoas com deficiência têm trajetórias associadas a contextos de discriminação e estigmatização, sendo reconhecidas como degeneradas, repulsivas e aberrações, com suas histórias atreladas a transtornos sociais e, por isso mesmo, deveriam ser descartadas das comunidades a que pertenciam (Silva, 2015).

Foram séculos de exclusão e abandono, decorrentes de concepções religiosas e ideológicas que associavam a deficiência a castigos divinos, improdutividade e inutilidade, além de mau agouro e monstruosidade, quando, na verdade, monstruosa era essa conduta de segregação: “Essas pessoas eram separadas do resto da sociedade e colocadas em guetos” (Mendoza; Mendoza, 2017, p. 03). Esses autores destacam que, em algumas sociedades, o que acontecia era mesmo a eliminação dessas pessoas.

Somente a partir dos Séculos XVII e XVIII, com o Renascimento, que olhares científicos se voltaram para o corpo, com suas possibilidades, potências e limitações, permitindo que as pessoas com deficiência fossem inseridas entre esses corpos possíveis. Olhares esses mediados por interações artísticas, tecnológicas e científicas que o período impunha, mudando pensamentos postos e estabelecidos, rompendo estruturas e verdades, e provocando mudanças de comportamento em nível mundial.

No entanto, isso não quer dizer que as pessoas com deficiência chamaram a atenção para si, no sentido de se fomentarem discussões ou políticas sobre elas.

Como dito, o “avanço” para aquele contexto foi o de que essas pessoas passaram a ser concebidas como corpos possíveis, já que antes figuravam como não-corpos. Mas, o fato é que isso ainda era muito incipiente para que se vislumbrasse um outro paradigma que não o da exclusão, que permanecia fundamentando os discursos sobre elas durante os séculos seguintes.

Já no início do Século XX, o mundo se viu marcado pela sequência tenebrosa de duas grandes guerras. Mendoza e Mendoza (2017, p. 03) explicam que, após a 1ª Guerra Mundial (1914-1918),

[...] os soldados mutilados que voltaram das batalhas fizeram aumentar ainda mais o número de pessoas com deficiência. A necessidade de mão de obra para fazer frente à crise financeira instalada acarretou a adoção de medidas eficazes para a reabilitação dos ex-combatentes.

Naquele contexto, iniciava-se uma compreensão das pessoas com deficiência como mais que corpos possíveis, mas como corpos reabilitáveis, ou seja, a deficiência, enfim, chamava a atenção para que atitudes fossem tomadas no sentido de garantir a dignidade das pessoas que as possuíam. Assim, consolidava-se [...] o modelo médico ou reabilitador, que explicava a deficiência a partir de causas científicas” (Mendoza; Mendoza, 2017, p. 06).

Como uma primeira iniciativa, a comunidade formada pelas potências vencedoras da 1ª Guerra, principalmente França, Itália, Reino Unido e Estados Unidos, promulgou o Tratado de Versalhes (1919) que, dentre outros aspectos regulatórios,

[...] versava sobre a reabilitação das pessoas ao trabalho no mundo, chamada de OIT- Organização Mundial do Trabalho, donde tratava e sua constituição na parte XII do tratado, com maior mobilização por parte da sociedade americana, pelo então presidente Franklin Delano Roosevelt, que aos trinta e nove anos contraiu poliomielite, trazendo para a sociedade que a deficiência em si não trazia impedimento para uma vida digna em sociedade (Freitas Neto *et al.*, 2019, p. 04-05).

E isso se intensificou ainda mais após a 2ª Guerra Mundial (1939-1945), com a participação da comunidade científica. Silva (2015, p. 23) explica que então “[...]”

começaram a surgir pesquisas no contexto da reabilitação de pessoas com deficiência [...]", as quais objetivavam descobrir meios "[...] de prevenção de distúrbios secundários [...]" e a "[...] reabilitação social, física e psíquica [...]" da pessoa com deficiência, por conta da grande quantidade de mutilados de guerra.

Portanto, com o fim da Guerra, o mundo se conscientizou da necessidade de se tomar medidas para os horrores cometidos durante a Guerra, e em nome dela, bem como para que surgisse uma maneira de reabilitar as pessoas que se tornaram deficientes com a Guerra (Mendoza; Mendoza, 2017, p. 04).

Dentre essas medidas, foi aprovada, em 1948, a Declaração Universal dos Direitos dos Humanos, que reconhece que as pessoas com deficiência também são cidadãos de direitos e busca resgatar a dignidade das pessoas, sem privilegiar as suas condições físicas ou psíquicas. Mendoza e Mendoza (2017, p. 09) esclarecem que:

A Segunda Guerra Mundial, por seu turno, fez nascer no seio da sociedade a necessidade de reconstruir princípios éticos e morais que permitissem estabelecer diretrizes mínimas para a proteção da dignidade da pessoa humana; garantindo assim os direitos mínimos civilizatórios a todos os seres humanos.

Tudo isso acabou por disparar uma nova concepção acerca da deficiência: onde antes circunscrevia-se a exclusão, depois passou a ser vislumbrada a possibilidade de reabilitação e, então, principalmente com as orientações da Declaração dos Direitos Humanos, começa-se a falar em inserção social, a princípio, pelo modelo da integração. Nesse momento, configurava-se "[...] embora se tenha sido processo lento [...] a adoção pela comunidade internacional de políticas voltadas ao atendimento de tal classe tão prejudicada durante os longos períodos de descasos expressivos durante a história" (Freitas Neto *et al.*, 2019, p. 05).

Entretanto, é preciso esclarecer que, devido a esse modelo médico da deficiência, a sociedade não sentia a necessidade de se ajustar para incluir as pessoas com deficiência, até porque não compreendia que elas mesmas poderiam buscar seu desenvolvimento, ou não as concebia como autônomas e independentes. Ao contrário, eram as pessoas com deficiência que deveriam "melhorar" para que se

tornassem compatíveis aos padrões que a sociedade considerava aceitáveis. Portanto, a deficiência era concebida como doença.

No entanto, com o tempo, houve a superação desse modelo médico que cataloga os impedimentos corporais e em que a deficiência é consequência natural da lesão em um corpo, e a pessoa com deficiência deve ser objeto de cuidados biomédicos. Passou-se a defender o modelo social, em que a experiência da deficiência não é resultado de suas lesões, mas do ambiente social hostil à diversidade (Diniz, 2007), porque a sociedade cria a deficiência e discrimina a deficiência que criou (Carmo, 1991).

No Brasil, tomando como perspectiva a integração ou reinserção social das pessoas com deficiência, aspectos como educação, artes, locomoção, esportes, linguagem etc. passaram a figurar no cerne das discussões e regulamentações federais. Isso motivou o surgimento das primeiras escolas especiais, as quais eram voltadas para as necessidades de cada tipo de deficiência.

Sasaki (1997, p. 152) afirma que as pessoas com deficiência sempre eram tratadas indevidamente pelas instituições e pela mídia, pois as representavam socialmente com “[...] uma imagem de coitadinho, triste, inútil, assexuado, abandonado por Deus, trágico, doente etc.” Portanto, não é recente a redução da deficiência ao contexto da “[...] doença, peso ou problema, transformando as pessoas em incapazes” (Diniz, 2015, p. 29), tendo essa representação social de estigma.

Assim, a própria “[...] diferença é transformada em estigma” (Le Breton, 2017, p. 72), independentemente de essa diferença ser decorrente da presença de alguma deficiência ou não. E quando a sociedade reconhece a deficiência como estigma, compreende conseqüentemente que as pessoas estigmatizadas são “[...] corpos que estão fora dos ‘padrões da normalidade’ (física, fisiológica, comportamental e social), e que necessitam de superação e compreensão dos ditos ‘normais’ para serem aceitas” (Duarte; Lima, 2003, p. 95). É como se “[...] em sua essência o homem fosse um ser ‘deficiente’ ao invés de ‘ter’ uma deficiência” (Le Breton, 2017, p. 73-4). A própria representação social de normalidade já é uma forma velada de discriminação, porque o que é “normal” existe para ser diferente do “anormal”.

Não raras vezes, essa representação social acaba sendo incorporada, internalizada pelas próprias pessoas com deficiência de tanto a ouvirem, sentirem e

experienciarem, e, conseqüentemente, muitas “[...] têm-se identificado mais enquanto ‘deficientes’ do que enquanto homens” (Carmo, 1991, p. 101). Assim, era comum no Brasil representar socialmente a deficiência como falta de eficiência, ou seja, a pessoa com deficiência seria aquela que apresentasse alguma “[...] incapacidade para realizar gestos, atividades ou comportamentos considerados ‘normais’ para a maioria dos indivíduos” (Carmo, 1991, p. 89).

A fim de superar essa abordagem, na virada do milênio ganha espaço um novo paradigma, o da inclusão social que, segundo (Andrade, 2022, p. 66), trata-se de

[...] um movimento surgido na década de 1980, que ganhou fôlego na década seguinte, mas, somente se tornou mundial no início do Século XXI, com objetivos que visam a uma sociedade igualitária permeada por princípios inclusivistas, ou seja, uma sociedade para todos, que acolhe a diversidade, luta pelos direitos de todos e respeita as diferenças [...]. Para tanto, torna-se imprescindível que se conheçam bem os conceitos inclusivistas de autonomia, independência e empoderamento, segundo os quais a pessoa com deficiência é capaz de tomar as próprias decisões, sendo senhora da própria vida e fazendo as próprias escolhas.

Esse movimento se consolidou no Brasil principalmente a partir de 2008, quando foi publicada a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (Brasil, 2008), documento resultante dos movimentos mundiais pró-inclusão, e que culminou com a publicação do Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei Nº 13.146), em 2015 (Brasil, 2015). Essa regulamentação não se pauta mais no modelo médico da deficiência, mas o suplanta pelo modelo social, que preconiza que as pessoas com deficiência, “[...] e a sociedade buscam, em parceria, equacionar problemas, decidir sobre soluções e efetivar a equiparação de oportunidades para todos” (Sassaki, 1997, p. 39).

Assim sendo, atualmente se reconhece que “Inclusão é o processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, em seus sistemas sociais gerais, pessoas com necessidades especiais” (Ribeiro, 2001, p. 34) e vice-versa. Logicamente, aqui não se fala apenas da inclusão de pessoas com deficiência, mas amplia o entendimento para todas as pessoas que apresentem alguma necessidade que, circunstancial ou permanentemente, contemplem alguma diferença.

Portanto, para que todas as pessoas sejam incluídas, tenham elas alguma deficiência ou não, é mister que a sociedade se modifique e compreenda “[...] que é ela que precisa ser capaz de atender às necessidades de seus membros” (Sassaki,

Revista inCORPORACÃO, V.4, nº 01, 2026, Feira de Santana, p. 01-25.

<http://periodicos.uefs.br/index.php/incorporacao/index>

1997, p. 39), em vez de esperar que eles se adéquem às condições que ela oferece. E que se reconheça que a deficiência é um conceito complexo que reconhece o corpo com lesão, mas que também denuncia a estrutura social que oprime a pessoa com deficiência (Diniz, 2007). Logo, torna-se necessário que emergjam políticas públicas que privilegiem a superação de barreiras que possam limitar ou impedir a inclusão, sejam elas físicas, comunicacionais, políticas, institucionais, sociais, tecnológicas ou atitudinais.

Tendemos a crer que as últimas (barreiras atitudinais) são as mais perversas, porque o preconceito e a discriminação podem gerar a indiferença que camufla as demais, invisibilizando as pessoas com deficiência e retomando/fortalecendo os preceitos da exclusão, ainda na contemporaneidade. É exatamente isso que acontece e é demonstrado nos filmes “Dumbo”, conforme se pode verificar a seguir.

4 ANALISANDO OS FILMES “DUMBO”

Como apresentado acima, durante o contexto bélico que marcou a primeira metade do Século XX, a deficiência era concebida como algo a ser excluído. Por isso mesmo, podemos afirmar que o lançamento do primeiro filme de animação “Dumbo”, em 1941, ou seja, naquele contexto da 2ª Grande Guerra, pelos Estúdios Disney configurou um marco ousado e desafiador da realidade social posta, ao tematizar: a) a deficiência sem a perspectiva da doença (o que para os outros é tido como defeito torna-se aquilo que o faz especial); b) o preconceito como algo abominável, quando até então era normalizado e aceito socialmente; e c) os conceitos de superação, integração e inclusão quando ninguém estabelecia esse tipo de relação com a deficiência.

E podemos dizer o mesmo acerca da versão em *live action*, de 2019, que remonta ao contexto da 1ª Guerra Mundial, já que a história se passa em 1919, mas é lançado na contemporaneidade, quando a perspectiva inclusiva já está estabelecida, pelo menos legalmente e nos inúmeros apelos discursivos. Mas, o que ainda se vê é que as pessoas com deficiência continuam precisando lutar para terem seus direitos garantidos na prática, e para romperem com barreiras, principalmente atitudinais, que tanto machucam, quanto promovem retrocessos inaceitáveis para o Século XXI.

Portanto, os mencionados filmes continuam sendo atuais e nos ensinando que exclusão e inclusão são ensinadas, que deficiência não anula as potências e habilidades de cada um, e que é a diferença que nos torna únicos, posto que constitui o modo distinto de ser e de estar no mundo de cada um (Diniz, 2007)

Embora tenha sido lançado há mais de 80 anos, o desenho continua atual porque fala de emoções universais. Para as **crianças**, Dumbo ensina a não zombar do colega que é diferente, e mostra que todos têm talentos únicos. Para os **adultos**, é um lembrete de que o preconceito é aprendido e transmitido – e que temos a responsabilidade de ensinar empatia e inclusão desde cedo. [...] *Dumbo* é mais do que um desenho animado clássico. É uma parábola sobre a diferença, a exclusão e a superação do preconceito. Para o público PcD e para quem convive com pessoas com deficiência, o filme oferece uma mensagem poderosa: **o que nos torna diferentes pode, também, nos tornar extraordinários** (Garcia, 2025, p. 01).

Os filmes, nas duas versões, apesar de contextos e abordagens distintos, mantêm o foco narrativo, que é a trajetória de um filhote de elefante que, por causa de suas orelhas gigantes, é discriminado e excluído, mas descobre que é justamente essa diferença que o torna especial, permitindo desenvolver uma habilidade especial: ele pode voar. O Quadros 01 e 02, a seguir, apresentam as sinopses e as fichas técnicas das duas versões de “Dumbo”, respectivamente, para que possamos contextualizar seus enredos e absorver as informações sobre as produções. Adicionalmente, a Figura 01 apresenta os pôsteres de divulgação dos filmes.

Quadro 01: Sinopses das duas versões de “Dumbo”

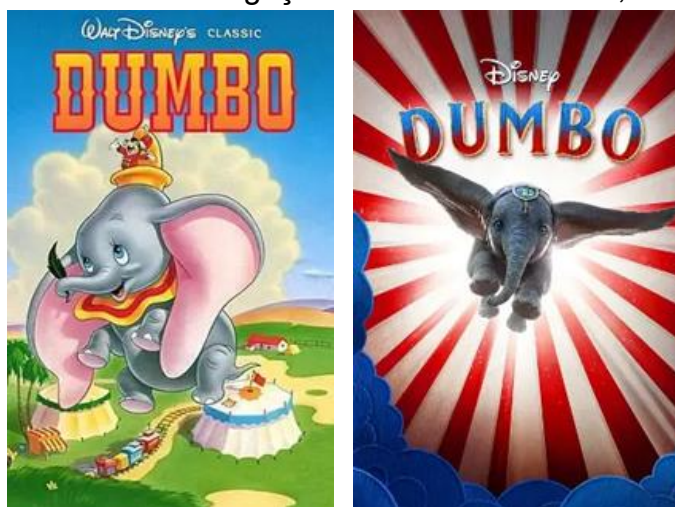
1941	2019
Quando a cegonha chega, igual a todos os anos, para entregar os bebês às suas mães no circo, a senhora Jumbo se depara com uma surpresa: seu pequeno Jumbo Jr. tem orelhas grandes demais para um elefante recém-nascido. Logo que os outros animais o veem, começam a zombar dele, o que leva a mamãe elefanta à ira, e os domadores do circo decidem confiná-la. Ridicularizado e sozinho, Jumbo Jr. ganha o apelido de Dumbo (estúpido, em inglês) e com a ajuda de um amigável ratinho, ele descobre que, graças às suas enormes orelhas, pode voar. (https://www.adorocinema.com/filmes/filme-22037/).	Holt Farrier (Colin Farrell) é uma ex-estrela de circo que, ao retornar da Primeira Guerra Mundial, encontra seu mundo virado de cabeça para baixo. Além de perder um braço no <i>front</i> , sua esposa faleceu enquanto estava fora, e ele agora precisa criar os dois filhos. Soma-se a isso o fato de ter perdido seu antigo posto no circo, sendo agora o encarregado de cuidar de uma elefanta que está prestes a parir. Quando o bebê nasce, todos ficam surpresos com o tamanho de suas orelhas, o que faz com que, de início, seja desprezado. Cabe então aos filhos de Holt a tarefa de cuidar do pequenino, até que eles descobrem que as imensas orelhas permitem que Dumbo voe. (https://www.adorocinema.com/filmes/filme-230141/).

Fonte: Elaboração própria (2026), a partir de dados adaptados do *site* AdoroCinema.

Quadro 02: Fichas técnicas das duas versões de “Dumbo”

1941		2019	
Lançamento	17 de novembro	Lançamento	28 de março
Duração	1h04min.	Duração	1h52min.
Gênero	Animação, Comédia Musical	Gênero	Aventura, Fantasia, Família
Direção	Bem Sharpsteen, Norman Ferguson, Wilfred Jackson	Direção	Tim Burton
Roteiro	Bill Peet	Roteiro	Ehren Kruger
Produtora	Disney	Produtora	Disney

Fonte: Elaboração própria (2026), a partir de dados adaptados do *site* AdoroCinema.

Figura 01: Pôsteres de divulgação dos filmes “Dumbo”, de 1941 e 2019

Fonte: <https://wall.alphacoders.com/big.php?i=98439> e <https://www.themoviedb.org/movie/329996-dumbo/images/posters>

Como se pode perceber nas sinopses dos filmes “Dumbo”, a história de 1941 corresponde a uma fábula, ou seja, trata-se de uma narrativa que tem animais como personagens, os quais possuem comportamentos, linguagens e sentimentos idênticos aos humanos. Configurando-se como desenho animado, a obra é repleta de imagens bem coloridas, canções, traços arredondados ou circulares, e personagens com intensa expressividade facial e corporal, atribuindo ao filme leveza, suavidade, encantamento e fácil apreensão das mensagens e simbologias comunicadas.

Isso também se verifica no seu pôster de divulgação: traços curvilíneos e arredondados, bem como símbolos em formas circulares (nuvem, lonas do circo, desenhos do relevo, o próprio corpo do Dumbo e seu figurino), associado a um

colorido em tons pastéis⁴, reforçam a mensagem de leveza, inocência, segurança e tranquilidade, sendo comumente utilizadas em produtos e espaços pensados para crianças. As formas arredondadas, segundo Alvares (2014, p. 21), são “[...] reconhecidamente atraentes pelas teorias psicológicas da *Gestalt* [...]”, e as “Formas circulares transmitem segurança; quadradas, estabilidade; e angulares, exigem precaução”, de acordo com Silva (2016, p. 34).

Na mesma imagem, porém, há a quebra intencional dessa leveza com a inserção do título do filme com letras mais retangulares que, associadas à sonoridade da palavra DUMBO, indicam peso, força e grandiosidade, remetendo ao seu nome original, dado pela mãe, Jumbo, e ao instrumento musical Bumbo.

Já a versão *live action* de “Dumbo”, apesar de não ser apresentada como drama em seu gênero, traz na sinopse um enredo contextualizado em situação dramática, e que parece atribuir, a princípio, às personagens humanas o foco narrativo, deslocando-a do elefante que nomeia a obra. O apelo dramático também é reproduzido em seu pôster de divulgação, ao utilizar menos cores, porém mais vibrantes, e as linhas diagonais, mais angulares que, como mencionado acima, designam preocupação (Silva, 2016).

O próprio Dumbo, nesse pôster, já não aparece com orelhas sinuosas; elas compõem com todo o corpo uma forma triangular. Os formatos triangulares, segundo Silva (2016, p. 34), “Por apresentarem ângulos mais agudos, podem parecer agressivos e maliciosos, [...] podem demonstrar maior dinamismo que as outras formas [...]”, já revelando para o público desde seu cartaz de divulgação tratar-se de um filme intenso, repleto de aventuras, como o próprio gênero o caracteriza, mas ainda mantendo o encantamento e a magia costumeiros das produções Disney, simbolizados pela nuvem azul, completamente formadas por círculos sobrepostos.

No entanto, ambas as produções terminam suas sinopses sinalizando para aquilo que torna Dumbo especial: sua capacidade de voar devido às orelhas gigantes, deixando claro que o fato que mudará o rumo das coisas é a existência da deficiência do personagem, estabelecendo a semelhança entre os filmes.

⁴ Tons pastéis são cores suaves e claras, obtidas da mistura entre cores vibrantes com branco, usados quando se pretende transmitir leveza, calma e delicadeza. (<https://www.suvinil.com.br/blog/tons-pasteis>).

Na sinopse do filme de 1941, ressalta-se a explicação do apelido dado ao elefantinho, que significa estúpido, em inglês. Apelido este que lhe é dado pelas demais elefantas do circo, que o tratam com zombarias a partir do momento em que percebem o tamanho de suas orelhas, chamando-as de engraçadas e esquisitas. Dumbo, que até então acreditava que suas orelhas eram bonitas, sente-se constrangido e triste ante a chacota sofrida (Figura 02). Chama a atenção a riqueza expressiva em tão poucos detalhes apresentados na imagem: ele se mostra cabisbaixo, com olhos e orelhas caídos, traços na pele (como pregas onde seriam as sobrancelhas) diagonais, tromba virada para dentro, cores em tons escuros e uma única lágrima em forma de gota caindo.

Figura 02: Dumbo se sentindo discriminado



Fonte: <https://geeksofdoom.com/2014/07/08/disney-developing-live-action-dumbo-remake-transformers-writer/sad-dumbo-disney>.

Sua mãe também sofre ao perceber o preconceito atribuído ao filho e a forma como ele é tratado, sendo discriminado e excluído do grupo. A família tem papel primordial na vida das pessoas com deficiência, pois, “Para essas pessoas, a família deve ser lugar de inclusão, onde se sintam iguais” (Andrade, 2020, p. 210). Mas, nem sempre isso acontece, pois “[...] receber seu ente com qualquer tipo de deficiência deixa muitas famílias ‘surpreendidas’, e muitas são as possibilidades de conduta diante do fato. Algumas percorrem o caminho da aceitação, outras, o da rejeição” (Ortiz, 2001, p. 02).

No caso de Dumbo, a mãe o aceita como é, e o acolhe, mas sofre diante da forma excludente com que é tratado pelos familiares e, ao tentar defendê-lo, nas duas obras, é colocada em isolamento, sendo denominada de “louca” – mais uma questão social sutilmente apontada nos filmes, que é o tratamento dado a mulheres que não se submetiam à ordem patriarcal que tanto se fez marcante na História e a opressões machistas, sendo comumente chamadas de loucas ou histéricas. Mas, aqui não nos debruçaremos sobre essa questão, posto que não se relaciona diretamente ao objeto de estudo, a inclusão de pessoas com deficiência. No filme de 2019, a mãe de Dumbo chega a ser vendida para outro circo, e o enredo da obra se direciona para as tentativas do filhote de reencontrá-la.

No filme de 2019, não é Dumbo o único personagem com deficiência que aparece na tela: no circo há pessoas com nanismo, sem muita participação ativa, e o personagem “Holt Farrier”, que sofre uma amputação de membro superior na guerra. Quando volta para o circo, todos que o encontram direcionam para ele um olhar de decepção ou pena. Mas ele repete algumas vezes ao longo do filme: “*Eu posso, eu consigo, mesmo com um braço só!*”, sempre que lhe é atribuída alguma missão, deixando claro que a deficiência não o incapacita. E ainda reforça: “*Nunca deixe uma pessoa dizer que não consegue!*”, salientando, assim, que devemos acabar de uma vez por todas com discursos capacitistas ou pejorativos em relação à deficiência, que ainda perduram em nossas sociedades.

O capacitismo é uma forma de discriminação direcionada às pessoas com deficiência. Ele parte da ideia de que essas pessoas são inferiores, menos capazes ou que devem ser sempre vistas como exemplos de superação. Esse preconceito pode se manifestar de diferentes formas: desde comentários e atitudes, até a exclusão em espaços educacionais, profissionais e sociais. Muitas vezes, é reproduzido de forma inconsciente — o que o torna ainda mais difícil de identificar e combater (UFMG, 2025, p. 01).

Em relação a Dumbo, esse filme mostra de forma mais escancarada o preconceito das pessoas em relação a ele, sendo-lhe atribuídas designações depreciativas, tais como: “*bebê monstro*”, “*aberração*”, “*coisa com defeito*”, “*coisa ridícula*”. E tentam invisibilizar sua condição, cobrindo as orelhas com um capuz.

Parodiando a realidade social que vivenciamos, esses dois filmes nos fazem refletir sobre a existência do preconceito, a estigmatização, a invisibilização e a

postura excludente contra o que é diferente, no caso, as pessoas com deficiência; bem como, em contrapartida, alerta para a valorização dessa diferença, posto que é justamente ela que torna cada pessoa única no mundo.

Nesse sentido, a obra se conecta de forma poderosa com reflexões sobre PcD⁵, tanto na infância quanto na vida adulta. Desde as primeiras cenas, Dumbo enfrenta o peso dos olhares e comentários cruéis. Seus colegas de circo, e até mesmo outros animais, ridicularizam suas orelhas desproporcionais. A plateia ri, aponta e julga por aquilo que ele não pode mudar. Essa dinâmica se aproxima muito da experiência de pessoas com deficiência na vida real. Crianças e adultos PcD frequentemente enfrentam **olhares invasivos, estigmas e comentários preconceituosos**, muitas vezes vindos até de quem deveria acolher (Garcia, 2025, p. 01).

Garcia (2025) chama a atenção para “[...] aquilo que ele não pode mudar”. Assim é a deficiência do Dumbo, uma condição que ele não pode mudar, e o mesmo acontece com inúmeras pessoas com deficiência permanente. Ela faz parte da imagem corporal dessas pessoas e, por isso mesmo, não tem de ser ridicularizada, posto que o corpo do outro é como é, pertence ao outro, constitui sua identidade, está circunscrito de histórias e memórias que o constituem e não cabe a ninguém depreciar ou subjugar, muito menos discriminar e excluir. De acordo com Andrade (2022, p. 311),

O corpo de cada um é seu eu manifesto, é onde se circunscrevem suas emoções, histórias, memórias. É a manifestação concreta de sua personalidade. Seu corpo é seu eu: ele traduz quem as pessoas são, e elas são mais do que apenas um corpo no mundo. Seu corpo é seu mundo [...].

Berri (2018, p. 27) destaca que “[...] o corpo torna-se o principal marcador da diferença [...], principalmente no caso das pessoas com deficiência que, “[...] pelas diferenças em seu corpo, normalmente, não são aceitas [...] são excluídas do convívio social por não se enquadrarem no estereótipo do corpo perfeito. Isto pode provocar alterações em sua imagem corporal” (Rafael *et al.*, s/d, p. 01).

É o que acontece com Dumbo que, a princípio, apreciava suas orelhas, mas, diante da discriminação sofrida, começa a conceber sua diferença corporal como motivo de vergonha e isolamento. Isso também é comum a pessoas com deficiência, que buscam “[...] algumas vezes isolamento, retirando-se do convívio social” (Alvim; Rodrigues, 2015, p. 40). No filme de 1941, o ratinho Timothy, único amigo de Dumbo,

⁵ Pessoa com deficiência.

chega afirmar que: “*Socialmente, ele está acabado.*” É a consequência da exclusão, o ser abandonado e o abandonar-se. No filme de 2019, seus amigos são a família Farrier, principalmente as crianças Milly e Finley, que compartilham com Dumbo o sentimento de abandono pela perda da mãe.

No entanto, a partir do momento em que a situação se inverte, e o que antes era motivo de ridicularização se torna a razão de sua ascensão social – suas orelhas que servem de asas, dando-lhe a habilidade de voar (Figura 03) –, passa a acontecer uma espetacularização da deficiência, que vai motivar sua reinserção social, iniciada por um movimento de integração e, depois, de efetiva inclusão. Com isso, Dumbo em [...] sua trajetória mostra que a superação não está em negar a diferença, mas reconhecê-la como parte de quem ele é” (Garcia, 2025, p. 01).

Figura 03: Dumbo voando no circo



Fonte: <https://www.awn.com/vfxworld/how-mpc-animated-high-flying-elephant-tim-burtons-dumbo>.

“A espetacularização da deficiência física baseia-se fundamentalmente na substituição do estigma pela fachada do heroísmo, a do indivíduo que enfrenta positivamente as perdas impostas [...]” (Kim, 2013, p. 283) pela deficiência, sejam físicas, psíquicas, sociais, relacionais, ou de que ordem forem. Notadamente, ao voar e se tornar a grande atração do circo, Dumbo passa a ser visto como herói e, por isso – ratifica-se, somente por isso – começa a ser aceito e incluído. Passa a ser ele mesmo o espetáculo. No filme de 2019 isso fica ainda mais evidente, com a fama alcançada pelo filhote, a ponto de atrair empresários interessados em suas habilidades, que o levam para participar de shows em grandes centros urbanos.

Destaca-se aqui que a “virada de chave” na vida de Dumbo, no filme de 1941, acontece quando ele conhece Timothy, um ratinho do circo que se torna seu maior amigo – muitas vezes, o único. É ele que incentiva o elefantinho a descobrir suas habilidades e potencialidades. E no filme de 2019, quando as crianças se aproximam para consolá-lo depois que a mãe é mandada embora, e logo percebem que ele pode voar, apesar de precisar de treino para se aperfeiçoar.

Isso remete à rede de apoio, tão necessária às pessoas com deficiência, seja no cuidado, no tratamento – se for o caso, no acolhimento e nas interações sociais, para que se efetive realmente a inclusão. Como afirma Garcia (2025, p. 01), nem todas as pessoas são preconceituosas e excludentes, “[...] também existem amizades verdadeiras, profissionais dedicados e famílias que acreditam na potência de seus filhos. O desafio é ampliar cada vez mais esses espaços de acolhimento, para que ninguém se sinta ‘a aberração do espetáculo’”, mas todos alcancem o seu lugar no mundo para se desenvolverem em suas possibilidades, sem impedimentos ou discriminações.

E, só para não dizer que não falamos das flores, o filme de 2019 termina tecendo uma crítica à participação de animais em circos e atividades outras dessa natureza. No Brasil, estados e municípios possuem leis específicas que proíbem tal participação. Especificamente na Bahia, de onde falamos, temos a Lei Ordinária 13.909, de 29 de janeiro de 2018, que “Dispõe sobre a proibição de utilização de animais selvagens, domesticados, nativos ou não, em espetáculos de circos realizados em todo Estado da Bahia”. Se os animais não podem ser expostos ao ridículo ou à violência de certos adestramentos, nem serem explorados para a diversão alheia, tampouco pessoas com deficiência podem servir para o sorriso e deboche dos outros, como é comum vermos pessoas com nanismo nesses tipos de espetáculos, tendo sua condição ridicularizada por aqueles que se dizem normais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dumbo acreditava que, para voar, precisava usar uma “pena mágica”. Ao perder a pena, sentiu-se inseguro e temeroso. Porém, foi no ápice do desespero, percebendo o risco iminente de morte que corria, que descobriu que a “magia” estava

nele mesmo, em suas habilidades. Assim também, muitas pessoas pensam que quem tem algum tipo de deficiência é improdutivo ou incapaz, sempre necessitando de ajuda de terceiros para existir.

A História, por longos séculos, defendia esse posicionamento e, por isso mesmo, apregoava a exclusão. Entretanto, a contemporaneidade já concebe e ratifica que a deficiência é a condição de ser e estar no mundo dessas pessoas (Diniz; Barbosa; Santos, 2010), as quais possuem direitos e deveres, limitações e possibilidades como quaisquer outras e, portanto, podem trabalhar, produzir conhecimento, ter sensações e desejos, interagir e conviver de forma autônoma, independente e empoderada (Andrade, 2022), numa sociedade sem barreiras e sem comportamentos cruéis e estigmatizantes que, tantas vezes, “cortam as asas” das pessoas com deficiência.

Assim, quando o assunto é deficiência, “Dumbo” nos dá verdadeira aula de como não devemos nos comportar, com atitudes que reforçam o estigma da exclusão; e de qual deve ser nossa postura e posicionamento, sempre em defesa da inclusão de todas as pessoas, pois todas têm suas “asas” e podem voar, inspirando-nos a implementar mudanças reais fora da tela.

REFERÊNCIAS

ALVIM, Joselene Lopes; RODRIGUES, Valdecir Cahoni. A relevância dos aspectos emocionais do deficiente físico para a inclusão no ambiente de trabalho.

Colloquium Humanarum, vol. 12, n. Especial, 2015, p. 35-43.

ANDRADE, Carla Borges de *et al.* O empoderamento feminino nos desenhos animados de cinema do Século XXI. **Revista inCORPOrAÇÃO**, V.1, nº 02, 2023, Feira de Santana, p. 39-68. Disponível em:

<https://periodicos.uefs.br/index.php/incorporacao/article/view/10127/8572>. Acesso em: 01 mar. 2026.

ANDRADE, Carla Borges de. **O meu corpo sou eu?:** Narrativas de cadeirantes sobre a construção da imagem corporal. Feira de Santana: UEFS Editora, 2022.

ANDRADE, Carla Borges de. **O meu corpo sou eu?** - Narrativas de cadeirantes sobre a construção da imagem corporal. (252f.) Tese. Doutorado em Educação. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/32651>. Acesso em: 01 mar. 2026.

BAHIA. **Lei Ordinária 13.909, de 29 de janeiro de 2018**. Dispõe sobre a proibição de utilização de animais selvagens, domesticados, nativos ou não, em espetáculos de circos realizados em todo Estado da Bahia. 2018. Disponível em: <https://leis.org/estaduais/ba/bahia/lei/lei-ordinaria/2018/13909/lei-ordinaria-n-13909-2018-bahia-dispoe-sobre-a-proibicao-de-utilizacao-de-animais-selvagens-domesticados-nativos-ou-nao-em-espetaculos-de-circos-realizados-em-todo-estado-da-bahia>. Acesso em: 01 mar. 2026.

BALLARINI, Yago Rodrigues; FARIA, Stephanie da Silva. **Desenvolvimento de pré-produção e *pitch-bible* para uma série animada**. 2017. (82 f.). Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação. Bacharelado em Design. Departamento Acadêmico de Desenho Industrial. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

BAPTISTA, Maria Manuel. **Estereotipia e Representação Social** – uma abordagem psico-sociológica. Coimbra, 1996. Disponível em: <http://sweet.ua.pt/~mbaptista/Estereotipia%20enquanto%20forma%20de%20representacao%20social.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2026.

BERRI, Bruna. **O corpo para pessoas com deficiência física: mídia e representações sociais**. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação. Florianópolis, 2018.

BRASIL. **Lei nº 13.146/2015 - Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Brasília: Presidência da República do Brasil, 2015.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BOYNARD, Ana Lúcia S. Desenho animado e formação moral: influências sobre crianças dos 4 aos 8 anos de idade. **Atas do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO** – Volume IV, agosto de 2002. p. 283 a 290.

CARMO, Apolônio Abadio do. **Deficiência Física: a sociedade cria, "recupera" e discrimina**. Brasília, DF: Secretaria dos Desportos/ PR, 1991.

CHOLODENKO, Alan. A Animação do Cinema. **Galáxia** (São Paulo, *online*). ISSN 1982-2553, n. 34, jan-abr., 2017, p. 20-54. Disponível em: www.scielo.br/j/gal/a/dqR6y8bPFVVQnxnFHY66ZZK/?lang=pt. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-2554201729575>. Acesso em: 01 mar. 2026.

DINIZ, Amaralina de Arandas Ramos. **A influência da atividade física adaptada na imagem corporal da pessoa amputada: um estudo de caso**. TCC. Universidade Federal da Paraíba - Bacharelado em Terapia Ocupacional. João Pessoa, 2015.

DINIZ, Débora; BARBOSA, Lívia; SANTOS, Wederson Rufino dos. Deficiência, direitos humanos e justiça. São Paulo, **Sur – Revista Internacional de Direitos**

Humanos, n. 11, p. 65-78, 2010. Disponível em: http://www.surjournal.org/conteudos/getArtigo11.php?artigo=11,artigo_03.ht. Acesso em: 03 mar. 2026.

DINIZ, D. **O que é Deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

DUARTE, Edison; LIMA, Sonia Maria Toyoshima. **Atividade física para pessoas com necessidades especiais: experiências e intervenções pedagógicas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

FREITAS NETO, Gerson Cabral de; RIBEIRO, Nádia Cristina; ALMEIDA, Rodrigo Silva de; OLIVEIRA, Vinícius Henrique Mendes de. Evolução histórica no processo de reconhecimento das pessoas com deficiência. **JusBrasil**. 18/07/2019. p. 1-14. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/evolucao-historica-do-reconhecimento-da-pessoa-com-deficiencia/733610709?msocid=08e2a5747811619e1720b3d2795b60ea>. Acesso em: 28 fev. 2026.

GARCIA, Vera. *Dumbo*: o desenho da Disney que ensina sobre preconceito e inclusão. **Deficiente Ciente**: informação que inclui. 13 de setembro de 2025. Disponível em: <https://www.deficienteciente.com.br/dumbo-o-desenho-da-disney-que-ensina-sobre-preconceito-e-inclusao.html>. Acesso em: 26 fev. 2026.

GARCIA, Vera. 21 filmes imperdíveis que abordam a inclusão da pessoa com deficiência. **Deficiente Ciente**: informação que inclui. 03 de abril de 2017. Disponível em: <https://www.deficienteciente.com.br/18-filmes-que-abordam-a-inclusao-das-pessoas-com-deficiencia.html>. Acesso em: 26 fev. 2026.

GOMES, Isabelle Sena; CAMINHA, Iraquitã de Oliveira. Os discursos de corpo bem dito, mal dito e não dito: uma análise a partir de filmes. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**. 2016; 38(4):414---421. Disponível em: www.rbceonline.org.br. Acesso em: 01 mar. 2026.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

MAGALHÃES, Brenno Levi de Sousa. **O cinema de animação contemporâneo: o diálogo estético e subjetivo entre o animador e o objeto animado**. 2023. (83 f.). Dissertação. (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Arte. Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2023.

MENDOZA, Renata Teixeira Villarim; MENDOZA, Gustavo Giorgio Fonseca. O tratamento dado às pessoas com deficiência ao longo da história e a consolidação do modelo social. 2º Conidih. CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIREITOS HUMANOS. **Anais...** Campina Grande. 24 a 26 de maio de 2017. p. 1-12. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conidih/2017/TRABALHO_EV078_MD1_SA2_ID145_10042017195113.pdf. Acesso em: 28 fev. 2026.

PENAFRIA, Manuela. Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s). In: VI Revista inCORPORACÃO, V.4, nº 01, 2026, Feira de Santana, p. 01-25. <http://periodicos.uefs.br/index.php/incorporacao/index>

Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. **Anais eletrônicos...** Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2026.

RAFAEL, Carla Beatriz da Silva *et al.* **Imagem Corporal**: o olhar do deficiente físico sobre sua satisfação corporal através da atividade física. S/D. Disponível em: <http://www.fef.unicamp.br/IC1-20.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2017.

RIBEIRO, Sônia Maria. Inclusão e esporte: um caminho a percorrer. In: SOCIEDADE BRASILEIRA DE ATIVIDADE MOTORA ADAPTADA. **Temas em Educação Física Adaptada**. Curitiba: SOBAMA, 2001. p. 25-38.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão**: Construindo uma sociedade para todos. São Paulo, SP: Nova, 1997.

SCHIRIGATTI, Elisangela Lobo; AVRICHIR, Ilan. Processo de produção de uma animação: uma abordagem teórica. **Diálogo com a Economia Criativa**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 11, p. 32-55, mai./ago. 2019. Disponível em: <https://dialogo.espm.br/revistadcec-rj/article/view/226>. Acesso em: 01 mar. 2026.

SCHMIDT, Saraí. De olho na mídia. in: VEIGA-NETO, Alfredo et al.; SCHMIDT, Saraí (org.). **A educação em tempos de globalização**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

SILVA, Ana Carolina Vitória. **“Segundo Sol”**: Criação de roteiro de animação. 2016. TCC. (50f.). Universidade de Brasília. Faculdade de Comunicação. Departamento de Audiovisuais e Publicidade. Programa de Graduação em Comunicação Social. Brasília, 2016.

SILVA, Osni Oliveira Noberto da. **Inclusão nas aulas de Educação Física**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2015.

UFMG. Capacitismo: o que é e por que precisamos falar sobre isso. **Pró-ICA**. 15/10/2025. Disponível em: <https://www.ufmg.br/montesclaros/proica/2025/10/15/capacitismo-o-que-e-e-por-que-precisamos-falar-sobre-isso/>. Acesso em: 10 mar. 2026.